

A Freguesia da Quinta Grande

II — A igreja de Nossa Senhora dos Remédios

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios, da Quinta Grande resultou de sucessivas transformações ocorridas na capela com a mesma invocação, fundada em data anterior a 1592. Apesar da sua fundação ser tida como tendo ocorrido em 1601, a verdade é que ela já era referida em documentos com datas anteriores, nomeadamente nos livros de *Visitações da freguesia do Campanário*, não se sabendo, no entanto, ao certo quem terá sido o seu fundador. Tendo em conta a fragilidade das construções da época, a capela de Nossa Senhora dos Remédios, terá sido, provavelmente, ao longo dos anos alvo de obras de restauro, pelo que a inscrição de 1601 gravada numa pedra existente na actual igreja poderá corresponder a um desses restauros. Outra hipótese é a pedra pertencer a uma outra capela que chegou a existir nas proximidades, a capela de Nossa Senhora da Porta e que segundo David Ferreira de Gouveia terá sido construída em 1601, pelos jesuítas.

Segundo o Padre Manuel de Nóbrega, que durante vários anos foi pároco da Quinta Grande, num seu artigo publicado sob o título *Anais da Quinta Grande*, no 3º número da revista *Girão*, a capela com a invocação de Nossa Senhora dos Remédios já existia no ano de 1592. Com efeito, num Provimento do Bispo D. Luís de Figueiredo datado de 1592 e inserido no 1º Livro de Provisões do Campanário página 26 desse ano, dizia-se que: *Na Ermida de Nossa Senhora dos Remédios não há missa da confraria, senão a que se diz pelo seu dia, em cada ano, sendo contudo costume havê-la, nas mais confrarias, ao menos de mês a mês, e porque é mais necessário havê-la nesta, por morarem alguns homens velhos e doentes junto dela, que não podem ir aos domingos e Santos à freguesia ordenamos e mandamos que daqui em diante, os mordomos de Nossa Senhora dos Remédios, mandem em cada mês, dizer sua missa de confraria e o vigário dirá o dia em que há-de dizê-la para que os vizinhos e enfermos possam ouvir.*

A devoção a N. S. dos Remédios

Para o Padre Manuel de Nóbrega, a devoção a Nossa Senhora dos Remédios na Quinta Grande, poderá estar estreitamente relacionada com Manuel de Noronha da Câmara, natural do Funchal, filho de Simão Gonçalves da Câmara, 3º donatário do Funchal e de sua primeira mulher, D. Joana Valente. Este Manuel de Noronha foi camareiro secreto do papa Leão X e depois, entre 1549 e 23 de Setembro de 1569, altura em que faleceu, foi bispo de Lamego, tendo sido também o fundador da devoção e da confraria de Nossa Senhora dos Remédios no Santuário de Lamego, tendo trazido, ele próprio, de Roma, a respectiva imagem. Ora, sendo este bispo, Manuel de Noronha, neto do 2º donatário João Gonçalves da Câmara e por consequência sobrinho de seu



Quinta Grande, anos 50

filho também chamado de Manuel de Noronha, a quem pertenciam desde 25 de Março de 1501, as terras da Quinta do Cabo Girão, é natural supor que o grau de parentesco entre o proprietário da quinta do Cabo Girão e o fundador da devoção a Nossa Senhora dos Remédios em Lamego, tenha condicionado o aparecimento desta devoção na Madeira e particularmente na Quinta Grande.

A corroborar toda esta familiaridade na implantação desta devoção está ainda o facto de Luís de Noronha, filho de Manuel de Noronha, ter sido agraciado por seu primo, o bispo de Lamego, com a comenda de São Cristovão de Nogueira e a semelhança nos moldes em que a

devoção a Nossa Senhora dos Remédios foi instalada.

Desconhece-se contudo se o instituidor desta capela na Quinta Grande foi o Manuel de Noronha ou seu filho Luís de Noronha, uma vez que, apesar de Henrique Henriques de Noronha, na sua obra *Memórias Seculares e Eclesiásticas*, referir o ano de 1525 e no *Nobiliário* o ano de 1535, como tendo sido a data da morte de Manuel de Noronha, há quem admita, como João de Sousa que ela possa ter ocorrido mais tarde, ainda que nunca depois de 1558, altura em que as suas propriedades já estavam na posse de sua 2ª mulher D. Maria de Ataíde, propriedades essas que depois passariam a seu filho primogénito Luís de

Noronha e, dele para seu filho Fernão Gonçalves da Câmara, que em 1595 haveria de as vender aos jesuítas.

A casa dos romeiros

Desde cedo a devoção a Nossa Senhora dos Remédios ganhou muitos adeptos e a sua ermida passou a ser alvo de importantes peregrinações, havendo por esse facto necessidade de a dotar de uma casa para que os romeiros pudessem pernoitar.

Numa *Visitação* feita em 1613 ao Campanário, paróquia a que a ermida de Nossa Senhora dos Remédios pertencia, o *visitador* Dr. Gonçalo Deão dá conta de que a devoção a Nossa Senhora dos Remédios era

muito grande, tendo os romeiros muitas novenas, situação que levava a que tivessem de dormir muitas noites na ermida e no adro, em virtude da casa dos romeiros ser muito pequena. Por esse facto mandava que lhe fosse feito um sobrado.

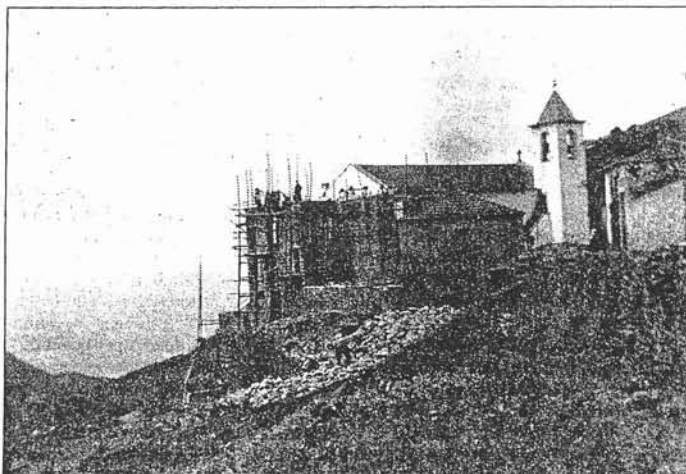
Em 1631, numa outra *Visitação*, o *visitador*, Cónego Francisco Aguiar refere que as casas dos romeiros da ermida de Nossa Senhora dos Remédios encontravam-se descobertas e se não fossem reparadas antes do inverno começar, as despesas seriam maiores.

O primeiro sacrário da igreja

Elevada a 8 de Fevereiro de 1820 à categoria de Curato, passou esta capela a ficar dotada de Cura permanente e a 24 de Julho de 1848 com a criação da paróquia da Quinta Grande, passou a sede da nova paróquia, dada a sua localização mais central relativamente ao seus habitantes, ainda que só a 28 de Setembro de 1848 fosse erecta canonicamente.

De acordo com o Livro primeiro do tomo da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, datado de 2 de Outubro de 1850, um ano depois da sua erecção canónica, a igreja da Quinta Grande continuava sem sacrário e, por consequência sem o Santíssimo Sacramento, o que causava algum descontentamento entre os seus fiéis e levou a hierarquia da Igreja a tomar as necessárias providências.

Tão reconhecida necessidade foi tomada em ponderação pelo Exmo. e Revmo. Sr. Cónego Governador logo que foi informado, mandando passar com data de Outubro do ano próximo passado, para que o sacrário que servira na igreja de Nossa Senhora do Livramento do Curral das Freiras, passasse a servir nesta paróquia. Com efeito, veio este sacrário, mas em tal estado que estava todo incapaz e insusceptível de concerto. Imediatamente o Ilustríssimo e Revmo. Sr. Vigário Geral do Bispado mandou passar nova ordem para que me



Igreja da Quinta Grande em obras, 1949/50

fosse entregue o sacrário que era do extinto Hospício da Ribeira Brava. Foi cumprida esta determinação. Embora se tratasse de uma rica peça, achava-se tão danificada que não podia servir sem ser retocada. Não se podendo de pronto fazer despesas necessárias em razão da extrema pobreza assim da igreja como da freguesia, conseguiu-se reparar o sacrário em parte apenas porque o altar não tinha capacidade, concertando apenas a primeira parte, tendo gasto neste concerto vinte e um mil reis, tendo o povo concorrido com dezasseis mil reis e a caixa de Nossa Senhora dos Remédios com outros cinco mil.

Depois foi escolhido o dia para colocar de modo permanente, o Santíssimo na Igreja. Tendo sido escolhido o dia 30 de Dezembro de 1849, para assinalar o acontecimento tomaram parte no acto os padres do Estreito de Câmara de Lobos e o da vila de Câmara de Lobos, tendo sido assinalado o acto com girândolas e arcabuz. Em memória este acontecimento, durante muito tempo este acto foi celebrado como verdadeiro aniversário ...

Ampliação da ermida

Ao longo dos anos a capela de Nossa Senhora dos Remédios vinha a ser sede de várias reparações, não sendo de excluir que, sendo a sua construção datada do século XVI, a referência de 1601, atestada aliás numa pedra religiosamente guardada na actual igreja, possa ser uma dessas reparações ou reconstruções, ainda que também não seja de excluir que essa pedra tivesse tido origem numa outra capela localizada nas proximidades com a invocação de Nossa Senhora da Porta ou da Virgem Senhora e que segundo David Ferreira Gouveia, teria sido construída em 1601, pelos jesuítas, à entrada da sua quinta.

Em 1900, a capela de Nossa Senhora dos Remédios entretanto transformada desde 1848 em igreja matriz da Quinta Grande sofre importantes obras, nomeadamente de ampliação. De acordo com o Diário de Notícias de 22 de Maio de 1900, a igreja da Quinta Grande iria por essa altura a ser alvo de importantes reparações, anunciando-se que deveria ser alargado e aumentado tanto o corpo da igreja

como respectivo adro e estrada adjunta, tendo as obras ficado concluídas no decurso de 1901.

Posteriormente, em 1913, de acordo com o Diário da Madeira de 19 de Outubro, a igreja da Quinta Grande estava, por essa altura, a ser alvo de importantes melhoramentos e em 2 de Julho de 1914, o Diário de Notícias refere que o entalhador Manuel Inocêncio de Sousa havia construído o seu altar-mor. A 7 de Julho desse ano, o Diário da Madeira volta a falar das obras para referir que, nessa semana, haviam começado os trabalhos de pintura decorativa do altar-mor e tecto da igreja da Quinta Grande, a cargo do pintor José Zeferino Nunes (Cirilo), obras que em Setembro de 1914, segundo o Diário de Notícias do dia 16, ainda continuavam.

Ainda que em 1900 a imprensa anunciasse que juntamente com a igreja, iria ter lugar a ampliação do adro, tal poderá não se ter verificado, pelo menos com a dimensão pretendida, uma vez que de acordo com o Diário da Madeira de 26 de Agosto de 1927, o então Administrador do Concelho de Câmara de Lobos havia solicitado à Junta Geral, o alargamento do adro da igreja paroquial em consequência dos inúmeros pedidos a si dirigidos por parte da população.

Passados cerca de 50 anos desde que importantes obras de ampliação do templo havia sido levadas a efeito, pelo Padre António Rodrigues Dinis Henriques, novas obras voltam a ter lugar.

A nova ampliação

De acordo com o Diário de Notícias de 14 de Setembro de 1950, quando, em 1947, o padre António Rodrigues Ferreira chegara à freguesia da Quinta Grande, constatou que não existia casa paroquial; que o templo era pequeno para conter os seus paroquianos; que os paramentos e alfaias estavam muito danificados e que a capela da Vera Cruz estava, pelo tempo, num estado deplorável. Por esse facto reuniu os paroquianos e falou-lhes nas necessidades que encontrou e na sua vontade de as ver resolvidas, ao que o povo acedeu a colaborar, escrevendo também para seus familiares emigrados e desta forma a casa paroquial foi construí-



Igreja da Quinta Grande, 1950

da junto ao templo sagrado, a igreja foi aumentada, o adro foi beneficiado, foram compradas alfaias novas e a capela da Vera Cruz foi reparada.

Relativamente à casa paroquial, a sua falta de condições de habitabilidade em outras ocasiões se terá colocado, nomeadamente em 1912. Com efeito, segundo o Jornal da Madeira de 18 de Fevereiro de 1925, o Pe. Eugénio Teixeira que paroucou a Quinta Grande durante 5 anos, entre Julho de 1912 e Maio de 1917, quando chegou à freguesia da Quinta Grande, para substituir o Padre António Rodrigues Dinis Henriques, a residência paroquial não tinha condições, chovendo dentro, o que o levou a recorrer aos favores de Francisco Anacleto, que lhe emprestou a sua casa de Verão, conhecida por quinta Leopoldina e onde haveria de permanecer durante o tempo em que esteve na Quinta Grande.

Em 1947, o Eco do Fun-

chal na sua edição de 11 de Setembro, ao anunciar a festa de Nossa Senhora dos Remédios dá conta da realização de romagens de todos os sítios cujo produto se destinaria às obras da Igreja, já em curso, nomeadamente da construção da casa paroquial e ampliação da respectiva igreja. Aliás, romagens e sorteios foram duas das formulas de angariação de fundos a que o Padre António Rodrigues Ferreira recorreu para poder realizar a sua obra.

O Jornal da Madeira, na sua edição de 6 de Janeiro de 1949, anunciava que em Março desse ano iriam começar os trabalhos de ampliação da igreja paroquial da Quinta Grande. Antes, a 16 de Dezembro de 1947, já havia sido (re)construída a casa paroquial e ampliada a sacristia da Igreja, conforme se pode concluir através da informação veiculada pelo Jornal de 3 de Dezembro de 1947, e segundo a qual, no dia 16 de Dezembro de 1947 seria inaugurada a

nova residência paroquial e sacristia da igreja paroquial da Quinta Grande.

As obras de ampliação da igreja envolveriam a construção de um arco, um cruzeiro com uma capela-mor, dois altares laterais, ficando a igreja com tamanho para comportar maior número de pessoas.

Em consequência das obras, os serviços de culto na Quinta Grande passaram a ser feitos na capela da Vera Cruz. Contudo, de acordo com o Jornal da Madeira de 20 de Agosto de 1950 o culto religioso, voltaria a partir desse dia à igreja paroquial, cujas obras seriam solenemente inauguradas por ocasião da festividade em honra de Nossa Senhora dos Remédios, nos dias 9, 10 e 11 de Setembro.

Em Setembro de 1951, o Jornal da Madeira do dia 8, dá conta de que, por esta altura estavam a terminar os trabalhos de pintura da igreja.

De acordo com o Jornal da Madeira de 24 de

Novembro de 1951 António de Gouveia estaria, por essa altura a executar os quadros da via sacra para a paróquia da Quinta Grande, tendo sido, no dia 20 de Dezembro de 1951 também instalados na igreja dois quadros do mesmo pintor, um reproduzindo a figura de Santo António e outro representando a aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos.

Posteriormente, mas ainda na década de 60 seria a torre da igreja ampliada e aí colocado um relógio, satisfazendo uma grande aspiração da população, expressa pelo Padre António Rodrigues Ferreira na edição de 6 de Setembro de 1953, do Jornal da Madeira.

A 14 de Dezembro de 1958, por ocasião da inauguração da corrente eléctrica, na Quinta Grande, foi também inaugurada um carrilhão electrónico - voz campanil, ou seja um conjunto de sinos afinados com que se podiam tocar peças musicais.

O salão paroquial

Em 1995, a freguesia da Quinta Grande fica dotada de uma outra importante infra-estrutura, composta por várias salas destinadas a ministrar catequese, inauguradas a 15 de Março e por um salão paroquial inaugurado a 17 de Dezembro, tendo a obra sido conduzida pelo seu actual pároco, o padre José Anastácio de Gouveia Alves. ■

Manuel Pedro Freitas
www.geocities.com/TheTropics/4273/

Bibliografia:

NORONHA, Henrique Henriques. *Memórias seculares para a composição da História da Diocese do Funchal na Ilha da Madeira*. SRTC, Funchal, 1996, pág. 380-381; 389; 416.

GOUVEIA, David-Ferreira. *A Quintã.. Século XVI*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº11, 2º semestre/93, pág. 547-559.

SOUSA, João de. *Terras no Campanário no Séc. XVI*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº10, 1º semestre/93, pág. 481-486.

NÓBREGA, Manuel. *Anais da Quinta Grande*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº3, 4 e 5.

Jornal da Madeira, 10 de Junho de 1947

Jornal da Madeira, 5 de Setembro de 1947

Diário de Notícias de 14 de Setembro de 1950



Quinta Grande, anos 50/60